REVISTA DE ENSINO EM ARTES, MODA E DESIGN

ISSN: 2594-4630
Vol. 5, nº. 2

Dossiê 9
Arte, Design e Artesanato: Ressignificações e Relacionamentos em Rede

DOI: 10.5965/25944630522021006

EDITORIAL

Fernando Moreira da Silva[1]
Maria de Fatima da S.Costa G.de Mattos[2]

Os nossos colonizadores portugueses bem como os índios – o elemento autóctone – ajudaram a difundir certa relação de intimidade entre fios, agulhas e fibras diversas em terras brasileiras. Uma trama de relações humanas tecidas pela observação, pela criatividade e aprendizado, a transformação dos fios de linha, de algodão ou outro, entrelaçados no tear, anunciaram a forma e a urdidura transformando-se em tecidos e objetos. Relações de afeto e de pertencimento sempre muito caros à Moda brasileira.

Este foi um dos nossos objetivos ao definirmos o mote desta edição: ***Arte, Artesanato e Design – ressignificações e relacionamentos em rede***. A temática e os textos, reunidos neste Dossiê, atravessam trans e interdisciplinarmente as áreas, fundamentais e atuais, sobretudo, em termos culturais, econômicos, sociais e ambientais.

Por vezes, as fronteiras entre arte, artesanato, produção artesanal e design são imprecisas, chegando mesmo ao ponto de destituir esses termos de significado próprio. Contudo, do ponto de vista de quem atua, os objetivos da arte são internos e temporais; os objetivos do artesanato são internos ou externos, e temporais; e, os objetivos do design são externos e temporais. Por sua vez, os objetivos da ciência são externos e duradouros. Contudo, é na ressignificação das práticas de produção e trabalho, que temos encontrado vários especialistas, traduzindo por meio de cores da nossa terra brasileira ou, de sementes modificadas à luz da ciência ou, ainda, pelo tingimento natural e ancestral, envolvendo os processos artesanais.

O artesanato constitui um corpo de conhecimento com uma intricada variedade de valores, que se expressa e se legitima como uma atividade baseada no saber fazer, por um conhecimento tácito e pela maestria, o “fazer bem feito”, que tem como foco a relação entre a mão e o cérebro, segundo Sennett (2020). Ou seja,

1 FA/CIAUD/Lisboa (PT)
2 Abepem/FAURP-CUML

explora outra dimensão da habilidade artesanal, sustentada por uma relação dialógica entre práticas materiais e ideais, um processo no qual predomina a manualidade.

Quem de nós entrasse em uma casa, ao final do século XIX ou início do XX, em qualquer segmento social, era comum encontrar uma multiplicidade de trabalhos artesanais em cores, formatos e funções diversas, conferindo à decoração doméstica, cuidado, aconchego e conforto, imprimindo novos contornos de gosto e distinção e, de certa forma, profissionalizando os “trabalhos manuais” como prática feminina que, ao fim e ao cabo, passou da casa para a escola elementar, sob a forma de ensinamento doméstico, constituindo-se em uma cultura escolar na primeira metade do século passado.

O artesanato contemporâneo surge na esteira de uma prática e processo próprios da produção artesanal operando, simultaneamente, na dimensão de proximidade entre o produtor e o consumidor, na perspectiva de uma prática artística do artesão em seu atelier (no seu fazer), sobre um percurso criativo que lhe é próprio, independente, afastando-se do sistema de mercado e estabelecendo novas relações com o consumidor. São essas relações silenciosamente tecidas entre o sujeito, a natureza e a criatividade que resultam na inovação do produto.

A religação dos saberes que confere identidade e memória aos objetos, resgatados pela tradição ou pela produção local, pode potencializar um papel mais ativo, afetivo e significante, desencadeando uma relação mais profícua e duradoura entre os objetos e o consumidor.

A cultura do design, afirma Victor Margolin (1989), envolve a totalidade das disciplinas, fenômenos, conhecimento, instrumentos analíticos e filosofias que o design dos objetos de uso deve ter em conta, assim como a forma como estes são produzidos, distribuídos e usados no contexto de modelos sociais e econômicos, cada vez mais complexos e alusivos.

Devemos acrescentar que o design envolve a aplicação de vários tipos de conhecimento, começando com a intuição (descoberta) e terminando com a razão (justificação), sendo a sua base epistemológica a dos processos humano-sociais de aprendizagem. Ou seja, o design, em sua função de resolver problemas, é um fenômeno cultural, por meio do qual é possível experienciar e otimizar o mundo em um processo que valoriza a história, o significado e a condição humana. Tanto o artesanato como o design se movimentam numa linha que tem como extremos a arte e a técnica, havendo constantes oscilações e aproximações, consoante a natureza dos desafios projetuais.

A área disciplinar do design está em rápido crescimento, sendo interdisciplinar com tantas outras áreas que gravitam em torno dela, cujas fronteiras nem sempre são bem definidas, mas cuja intrínseca colaboração e contaminação se tornou uma prática essencial e crítica para o processo de design. O design é um elemento aglutinador responsável também pela memória coletiva, abrangendo valores e dimensões tangíveis e intangíveis, procurando contribuir para soluções que revelem um elevado nível de utilidade, mas que também possam reunir a construção

de uma estética orientada para a criação de um imaginário. Vai muito além do utilitário e funcional, incorporando referências culturais para a sociedade, incorporando significados pessoais, comunicando emoções e facilitando as relações interpessoais que fazem a mediação entre a percepção do indivíduo e a autoidentidade. Verifica-se, assim, a necessidade de uma constante reflexão na área que permita a implementação de novas visões e estratégias, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, equilibrada, ética e inclusiva, onde todos possam ter oportunidades idênticas.

A nossa perspectiva trata com igual importância, tanto os objetos de produção industrial (como arquétipos), muitas vezes produtos de design, como os objetos artesanais. E essa forma de tratamento equitativo tem a ver com a observação baseada no significado construído pelo consumidor e a consequente apropriação dos objetos e do significado inerente à sua própria gênese. Os objetos, quer uns quer outros, são simultaneamente depositários e testemunhos da cultura, tradição e identidade, constituindo-se uma expressão de criatividade.

É fundamental criar relações de "cumplicidade" entre estas duas disciplinas – artesanato e design – com o propósito de diluir fronteiras e promover a colaboração interdisciplinar.

O designer Paulo Ramunni, no livro Alma do Design, defende que é possível a valorização do produto artesanal através da implementação de cocriações, ou seja, de estratégias de *co-design*, articulando o conhecimento, a investigação e as ideias, próprias do designer e do saber pensar, com o saber fazer e o conhecimento prático do artesão.

Essa postura poderá nos conduzir no sentido de um processo participativo de inter-relações no desenvolvimento de novos artefatos, de um trabalho coletivo sem a existência da preocupação em classificar se determinado produto é design, arte ou artesanato.

As contaminações entre diferentes domínios podem resultar em mais valias para todas as partes envolvidas. O designer pode surgir como uma força motriz capaz de promover a inovação e a transformação, sem desvirtuar, respeitando a tradição.

Pesquisas recentes reúnem tradição e inovação ao abordar diversas áreas do conhecimento. Contudo, não existem muitos estudos voltados para os aspetos usados na criação, desenvolvimento e coordenação adotados na concepção de novos produtos. Uma das soluções para enfrentar os desafios, no nível do artesanato ou do design, é procurar o equilíbrio, permitindo aos artesãos e aos designers criar e manter a diferenciação em produtos sustentáveis de alto padrão, o que pode ser alcançado por uma visão holística, incrementando mais o trabalho artesanal e local.

O saber fazer dos artesãos combinado a uma visão holística e multidisciplinar do designer poderá permitir, por meio da produção de novos produtos e respeitando as materialidades locais, a identidade e a preservação do conhecimento, combatendo a extinção progressiva de alguns artefatos.

Esse tipo de trabalho participativo e de co-design procura dar uma nova dimensão à produção artesanal de qualidade, viabilizando uma nova esfera de intervenção do design em outros sistemas de produção. Referimo-nos à transposição dessa produção para a cultura contemporânea, uma vez que trabalhar com a cultura tradicional significa acrescentar identidade aos objetos, constituindo-se, assim, um legado coletivo ao alcance de todos, perene e significativo, muitas vezes intrínseco à construção das identidades individuais, sociais, locais ou globais.

Os diferentes produtos são desenvolvidos em processo colaborativo, por meio do entendimento e da adequação das propostas dos designers às possibilidades técnicas e artísticas de cada um dos artesãos envolvidos. Se o artesão carrega em seu trabalho um saber tradicional e a habilidade do 'fazer', o designer traz em si uma reflexão projetual que propõe a adequação conceitual e funcional ao mercado e os desafios da contemporaneidade. Desse modo, pretende-se alargar a esfera de intervenção de ambos os setores, pela manifestação das linguagens artísticas tradicionais, como uma alternativa à uniformização dos produtos globalizados, promovendo a cultura e as identidade regionais.

A inserção de estratégias de design sustentável em contextos locais e escalas de produção não industrial, tal como é o caso do artesanato, é indispensável para reduzir a geração de desperdícios de materiais, poluição e danos ambientais, dado que se verifica no uso exclusivo de técnicas e materiais naturais, próprios da região em que se inserem. Estratégias de design sustentável são capazes de prever o resultado desejado em todos os aspetos do desenvolvimento de um produto ou sistema, determinando o tipo de uso, o mercado de destino, custos e possibilidades de execução, gerando produtos flexíveis, duráveis, modulares ou multifuncionais, adaptáveis ou recicláveis.

Existe uma alteração paradigmática que se traduz em uma mudança de cenário que só poderá ocorrer com a busca pela inovação por meio da interpretação, do redesenho ambiental, de novos produtos e serviços e do incentivo a novas ideias produtivas, intrinsecamente mais sustentáveis para o meio ambiente, socialmente justas e culturalmente atrativas.

Para tal, deverão ser implementadas estratégias de design sustentável que contenham um potencial significativo para gerar inovação social e incorporar valor agregado aos produtos desenvolvidos, por meio de uma maior e melhor articulação entre arte, artesanato e design.

Desejamos boa leitura a todos!

REFERÊNCIAS

SENNETT, Richard. **O Artífice**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 19.

MARGOLIN, Victor. **"Design Discourse"**. Edited by Victor Margolin, The University of Chicago Press, London, 1989, p.7.

BRANDÃO, Pedro (dir.) **A alma do design**. Lisboa: Ed. Susana Correia/Centro Português de Design, [2003]